Poéticas das infâncias - A fotografia como linguagem na creche

Catálogo fotográfico



Patrícia Stecca Reis de Andrade
Marta Regina Paulo da Silva

Registro fotográfico realizado pela Profª Daniele D. M. Oliveira

Patrícia Stecca Reis de Andrade
Marta Regina Paulo da Silva

Poéticas das Infâncias - A fotografia como linguagem na creche

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Patrícia Stecca Reis de
Poéticas das infâncias [livro eletrônico] : a fotografia como linguagem na creche : catálogo fotográfico / Patrícia Stecca Reis de Andrade, Marta Regina Paulo da Silva. -- 1. ed. -- São Caetano no Sul, SP : Ed. das Autoras, 2025.
PDF

ISBN 978-65-01-84286-8

1. Educação infantil 2. Fotografias 3. Pedagogia 4. Práticas educacionais 5. Professores - Relatos I. Silva, Marta Regina Paulo da. II. Título.

25-322274.0 CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

São Caetano do Sul - SP

2025

SUMÁRIO

1 Um convite ao olhar 06

2 Olhares sobre as infâncias e a fotografia 09

3 O que revelam as fotografias 10

4 A fotografia como narrativa das infâncias 24

5 Aprender a olhar: possibilidades de formação docente 30

6 Convite a novos olhares 32

Referências 34

Sobre as autoras 35



Acervo fotográfico da pesquisadora

1 *Um convite ao olhar*

Este catálogo é fruto da pesquisa de Mestrado intitulada “A linguagem do olhar: A fotografia na documentação pedagógica na creche”, defendida em 2025 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). O estudo foi desenvolvido com cinco professoras em uma creche da Rede Municipal de Educação de Santo André e teve como objetivo compreender como a fotografia, enquanto linguagem, pode tornar visíveis as expressões, descobertas e interações das crianças de 0 a 3 anos, contribuindo para processos reflexivos e formativos na prática docente.

Ao longo da investigação, foram realizadas entrevistas, observações e encontros formativos com professoras da instituição, em um percurso colaborativo que buscou articular teoria e prática. Esses encontros foram organizados por meio de círculos epistemológicos, espaço de diálogo em que pesquisadora e docentes compartilharam saberes, experiências e inquietações, construindo coletivamente reflexões sobre a prática. Nesse processo, emergiram reflexões sobre a potência da fotografia como instrumento pedagógico, não apenas como registro ilustrativo ou burocrático, mas como recurso de escuta sensível e de ressignificação do olhar docente. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). As imagens das crianças utilizadas neste catálogo foram autorizadas pelos/as responsáveis legais.

O catálogo nasce, portanto, como desdobramento dessa experiência, com a intenção de compartilhar fotografias, descrições e reflexões construídas em diálogo com as educadoras participantes. Esta publicação é um convite: olhar para as infâncias com mais atenção, acolher as expressões singulares das crianças e reconhecer a fotografia como linguagem estética e cultural, que documenta, interpreta e comunica o cotidiano da creche.

A fotografia, em seu caráter imediato e acessível, ocupa lugar central na cultura contemporânea. Vivemos imersos em imagens, mas, na Educação Infantil, sua função ainda é frequentemente reduzida a registros formais ou a lembranças de eventos. Como lembram Gunilla Dahlberg, Peter Moss e Alan Pence (2019, p. 201):

> Como a documentação pode ser guardada e reexaminada, devendo ser encarada o tempo todo como um registro vivo da prática pedagógica, o processo de documentação também pode funcionar como uma maneira de revisitar e rever experiências e eventos anteriores; desse modo, não apenas cria memórias, mas também novas interpretações e reconstruções do que aconteceu no passado.

Nessa perspectiva, a fotografia assume um papel formativo para o(a) professor(a). Ao capturar um gesto, uma expressão ou um olhar, ela oferece a oportunidade de rever o cotidiano, de perceber o que poderia passar despercebido e de ressignificar o modo como entendemos as infâncias. De acordo com Boris Kossoy (2012, p.29),

> A descoberta da fotografia propiciaria, de outra parte, a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística (e portanto de ampliação dos horizontes da arte), de documentação e denúncia graças à sua natureza testemunhal (melhor dizendo, sua condição técnica de registro preciso do aparente e das aparências).

Este catálogo, inspirado por tais compreensões, apresenta-se como recurso pedagógico para apoiar práticas reflexivas em creches e pré-escolas. As imagens aqui reunidas não pretendem ser respostas prontas, mas disparadoras de diálogos, inquietações e descobertas. O que está em jogo é a valorização das infâncias como tempo presente, criativo e produtor de cultura, e a fotografia como linguagem que possibilita aos (às) docentes exercitar a escuta, a sensibilidade e a interpretação.



Registro fotográfico realizado pela Profª Daniele D. M. Oliveira



Registro fotográfico realizado pela Profª Daniele D. M. Oliveira

Olhares sobre as infâncias e a fotografia 2

As infâncias não devem ser entendidas como preparação para a vida adulta, mas como tempo presente, repleto de sentidos, gestos e descobertas singulares. Como destaca Maria Fernanda Rezende Nunes, Patrícia Corsino e Vital Didonet (2011), a criança precisa ser reconhecida em sua integralidade, como sujeito histórico, social e produtor de cultura, cujo desenvolvimento se dá de maneira inseparável. Assim, as práticas na Educação Infantil devem contemplar essa totalidade, superando visões fragmentadas que a tratam apenas como um corpo a ser cuidado ou como uma mente que aprende desvinculada de sua dimensão corporal.

Nesse contexto, a fotografia se apresenta como linguagem capaz de dar visibilidade ao que muitas vezes passa despercebido. Mais do que ilustrar momentos, a fotografia permite interpretar e ressignificar o cotidiano, transformando instantes efêmeros em narrativas abertas à reflexão. Marcia Aparecida Gobbi (2011, p.1215) destaca a importância das fotografias como registro:

> Os momentos, quando materializados em fotos diversas, contêm e colocam em suspensão situações memoráveis passadas com as crianças nos espaços educacionais. Sua presença coloca os ausentes novamente juntos naqueles locais experimentados por todos, fotografados e fotógrafo.

Ao integrar a fotografia ao processo educativo, a documentação se torna prática democrática, construída coletivamente. Como defende Maria Alice Proença (2022, p. 245), “Toda documentação pedagógica é construída a partir de registros da jornada cotidiana nas instituições, mas nem todos os registros são documentações, pois ela requer a reflexão do(s) educador(es) sobre aprendizagens construídas e seus processos de investigação cotidianos”. Essa concepção aproxima a fotografia da prática pedagógica cotidiana, pois ao mesmo tempo em que revela as múltiplas expressões infantis, também provoca o olhar docente, convidando à escuta, à reflexão crítica e à ressignificação das próprias escolhas educativas.

No início da pesquisa, as professoras participantes relatavam utilizar a fotografia de forma esporádica, quase sempre vinculada a registros pontuais, o que limitava sua potência como recurso pedagógico e a mantinha em um lugar essencialmente técnico. Contudo, à medida que avançavam os encontros colaborativos, emergiram novas reflexões sobre o que registrar, de que forma fazê-lo e qual intencionalidade atribuir a cada imagem. Esse movimento possibilitou mudanças visíveis nas práticas: as educadoras passaram a atentar-se ao enquadramento, a explorar diferentes ângulos e a dedicar tempo à observação das crianças antes de acionar a câmera.

A fotografia foi, assim, ressignificada como instrumento de escuta e de reflexão sobre as infâncias, aproximando-se de uma linguagem pedagógica. Um momento marcante desse processo foi a construção coletiva de um roteiro de observação, elaborado em diálogo com as professoras, que sistematizou critérios para orientar as escolhas de registro. Esse instrumento destacou a importância de privilegiar interações significativas, gestos espontâneos e descobertas infantis, ao mesmo tempo em que indicava cuidados técnicos e éticos, consolidando a fotografia como prática intencional, estética e formativa no cotidiano da creche.

3 *O que revelam as fotografias*

Cada fotografia aqui reunida é uma narrativa visual do cotidiano, capaz de revelar as múltiplas formas de ser e estar das crianças pequenas. Cada imagem carrega gestos, expressões e descobertas que revelam a potência das infâncias em sua singularidade.

Mais do que olhar para crianças em suas vivências, o convite é observar as narrativas que emergem de cada clique: um olhar que se ilumina, uma interação que se fortalece, uma descoberta que se torna visível. As fotografias, acompanhadas de reflexões e perguntas, pretendem provocar o olhar docente e ampliar a escuta das múltiplas linguagens infantis.

Neste espaço, a fotografia se apresenta como linguagem pedagógica, capaz de documentar, interpretar e inspirar. Ao observá-las, que novas perguntas e sentidos surgem para o seu olhar?



Registro fotográfico realizado pela Profª Roberta Aline C. Oliveira

A escuta pelos pequenos gestos

Uma criança desenha, enquanto outra, ao lado,
observa atentamente o traço da colega,
acompanhando cada movimento com curiosidade.

“Ao rever a imagem, podemos perceber detalhes antes invisíveis, como o olhar interessado da criança que observava a amiga desenhar.” - Profª Roberta Aline C. Oliveira.
Essa cena evidencia como a fotografia pode ampliar a escuta docente, trazendo à tona gestos e expressões que, no instante vivido, passariam despercebidos. O registro mostra que aprender a olhar também é aprender a notar o que está nas margens da cena, o fundo, os olhares, as interações sutis que constroem o cotidiano.



Registro fotográfico realizado pela Profª Roberta Aline C. Oliveira

Que expressões e interações emergem
quando olhamos para os detalhes além do enquadramento central?

O olhar da professora em sintonia com o da criança

A professora se ajoelha no chão para fotografar uma criança,
posicionando-se no mesmo nível do olhar infantil.



Registro fotográfico realizado pela Profª Elaine B. Santiago

Esse gesto simples da professora, ao se ajoelhar para fotografar o bebê, revela uma mudança profunda na postura docente: em vez de observar de fora, a professora escolhe compartilhar da perspectiva da criança, abrindo-se a um olhar mais próximo e sensível. A fotografia se transforma em escuta, permitindo interpretar gestos e expressões como manifestações de pensamento e cultura. Ao alinhar seu olhar ao das crianças, a docente amplia a possibilidade de compreender seus mundos e de construir sentidos junto a elas.

Que descobertas surgem quando deixamos que
a curiosidade das crianças guie o nosso olhar?

A investigação sensível do bebê

Sequência de imagens mostra um bebê explorando uma garrafinha sensorial com diferentes gestos, olhares e movimentos corporais.

À primeira vista, poderia parecer uma cena corriqueira. Mas, ao revisitar as fotografias, a professora percebeu a riqueza do processo: concentração, curiosidade, iniciativa e persistência reveladas nos gestos e olhares. O corpo da criança comunica: mãos que tocam com cautela, olhos que investigam, tronco que se inclina para acompanhar o objeto. A fotografia, nesse caso, possibilitou compreender a ação como uma verdadeira experiência estética e cognitiva, que só se tornou visível pela pausa reflexiva diante da imagem.







Registro fotográfico realizado pela Profª Elaine B. Santiago

Que descobertas infantis se tornam perceptíveis quando revisitamos as imagens com atenção aos detalhes?

Escuta sensível do gesto de desenhar

Uma criança desenha espontaneamente no muro de azulejo da área externa da creche.



Registro fotográfico realizado pela Profª Aline R. P. Reina

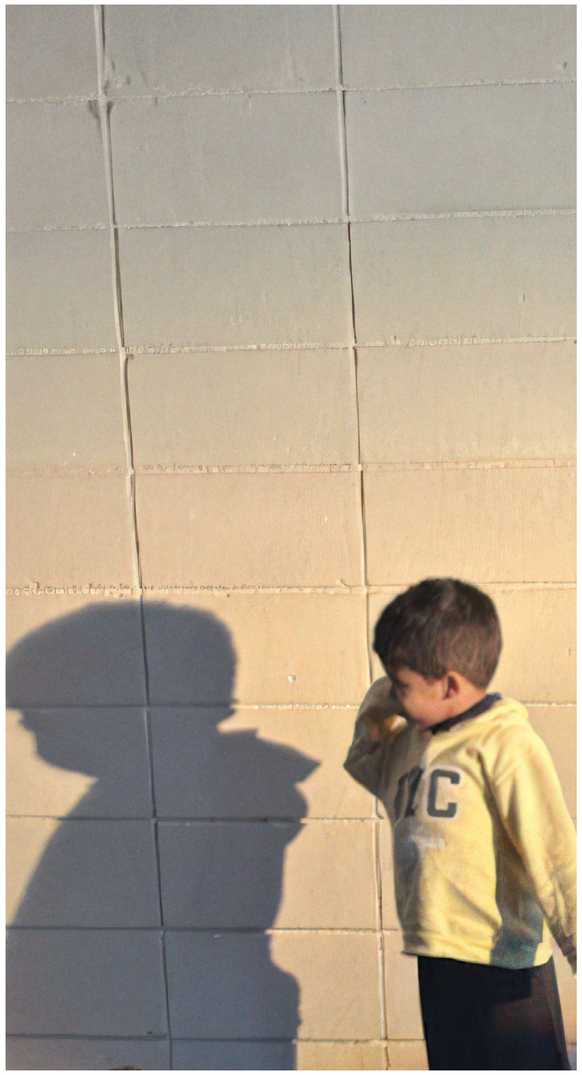
Ao observar a fotografia, a professora relatou que a imagem lhe permitiu ajudar a documentar e tornar visível aspectos que no momento poderiam ter passado despercebidos. A cena revela concentração, escolha intencional do espaço e a expressividade do traço, mostrando que desenhar é mais do que um gesto motor: é forma de comunicação, expressão e investigação. A fotografia ampliou o olhar docente possibilitando uma escuta mais sensível dos sentidos atribuídos pela criança àquela ação.

Como a fotografia pode nos ajudar a perceber intencionalidades e formas de expressão que vão além do produto final da atividade?

A criança e sua sombra

Uma criança observa atentamente a própria sombra projetada na parede, durante um momento de luz intensa no ambiente.

O registro, feito de forma espontânea, ganhou novos significados quando revisitado pela professora. O gesto de olhar a própria sombra revela curiosidade, percepção corporal e relação com o espaço, mostrando que até os instantes mais simples são carregados de descobertas. A fotografia, ao preservar esse momento, tornou-se recurso de reflexão para a docente, permitindo observar nuances que a rotina diária poderia ter ocultado. Como aponta Gobbi (2011), as imagens têm a potência de reviver e construir memórias, selecionando fragmentos que instigam novas interpretações. Assim, a fotografia amplia a escuta pedagógica e provoca um olhar mais sensível sobre as infâncias.



Registro fotográfico realizado pela Profª Aline R. P. Reina

Descobertas com materiais não estruturados

O bebê explora tubos com perfurações, observando seus formatos e as sombras projetadas no chão. Com atenção e esforço, ele experimenta pegar e manipular os objetos ao seu alcance.



Registro fotográfico realizado pela Profª Priscila de O. Leal

Esse registro fotográfico, feito pela professora, demonstra o olhar sensível da docente que permitiu perceber que a criança enfrentava um desafio: compreender pesos, texturas, movimentos e até os efeitos da luz que atravessavam as perfurações. Nesse gesto, o brincar evidencia o processo de investigação do bebê conectando corpo, sentidos e imaginação. A fotografia captura ação e uma experiência carregada de descobertas, em que a intencionalidade pedagógica se revela na escolha de oferecer materiais que instigam e no cuidado em registrar os processos.

Que sentidos as crianças constroem quando exploram a si mesmas e o ambiente?

Como a fotografia nos ajuda a observar a investigação da criança diante de materiais não estruturados?

O mural que dá visibilidade às vozes das infâncias

Mural de fotografias exposto na creche,
compartilhado com as famílias
para valorizar o cotidiano das crianças.

Ao tornar pública as imagens do dia a dia da creche, com os devidos cuidados éticos, as educadoras rompem com a invisibilidade das experiências infantis. O mural transforma registros em narrativas coletivas, legitimando descobertas e aprendizagens diante da comunidade. Como destacam César Donizetti Pereira Leite e Bianca Chisté (2013), são justamente os pequenos acontecimentos — aqueles que duram o tempo de um piscar de olhos — que revelam a riqueza da vivência infantil. A fotografia, nesse contexto, permite tornar visível o que se desenrola entre as margens do olhar adulto, valorizando instantes que poderiam se perder no dinamismo da rotina.



Registro fotográfico realizado pela pesquisadora.

De que forma práticas coletivas, como murais de fotos, podem democratizar o olhar sobre as infâncias e fortalecer vínculos com a comunidade escolar?

Quando as crianças assumem a câmera

Uma criança de três anos explora a câmera,
escolhe o ângulo e registra espontaneamente elementos
do parque que chamam sua atenção.



Registro fotográfico realizado pela pesquisadora.

Colocar a câmera
nas mãos das crianças
revelou surpresas e
deslocou o olhar das professoras.
O registro, aparentemente simples,
mostrou intencionalidade e
sensibilidade estética,
evidenciando como as crianças
narram o mundo de modos
singulares.

O exercício revelou
que a fotografia, quando
apropriada pelas crianças provoca
nos(as) adultos(as) novas
perguntas sobre o que
é significativo nas infâncias e
como ela se comunica.



Registro fotográfico realizado por uma criança de 3 anos.

O que podemos aprender quando oferecemos às crianças
a oportunidade de registrar o mundo a partir de suas próprias lentes?

Sequência de três fotos tiradas por uma criança de três anos, registrando a colega no balanço durante a brincadeira no parque.

O gesto simples de clicar revela um olhar sem cálculos ou convenções: a criança registra aquilo que a afeta no instante. O que pode parecer simples aos olhos adultos, um balanço em movimento, uma sombra, um pedaço de chão, torna-se central no enquadramento infantil, mostrando a potência de mundos que caminham junto e, ao mesmo tempo, distantes do mundo adulto. Esse registro devolve às educadoras a oportunidade de ver o cotidiano e de reconhecer o valor das pequenas coisas.



Registro fotográfico realizado por uma criança de 3 anos no parque.

Que sentidos emergem quando permitimos às crianças transformar o cotidiano em descoberta por meio da fotografia?

Uma criança de três anos registra a conversa entre colegas, revelando vínculos e interações do cotidiano da creche.

As fotografias feitas pelas crianças comunicam, provocam e exigem que os(as) adultos(as) revejam seus modos de olhar as infâncias. Ao registrar uma cena de diálogo entre colegas, a criança desloca o foco esperado pelo olhar adulto e torna visíveis os pequenos gestos e conversas que atravessam o dia a dia da creche. Reconhecer esse valor significa assumir a fotografia como espaço de autoria infantil, no qual as crianças não aparecem apenas como objetos de registro, mas como sujeitos que produzem narrativas próprias sobre o cotidiano. Esse exercício aproxima as professoras de uma pedagogia mais sensível, dialógica e democrática, comprometida em escutar e legitimar as expressões das infâncias.



Registro fotográfico realizado por uma criança de 3 anos.

O que podemos aprender sobre as infâncias quando possibilitamos que as crianças construam suas próprias narrativas visuais?

A criança como autora do olhar

Uma criança de três anos assume a câmera e registra uma colega, escolhendo ângulos e recortes próprios para narrar a cena.

Os enquadramentos inesperados, cortes improváveis ou aproximações feitas pelas crianças não são falhas técnicas, mas modos singulares de narrar e experimentar o mundo. Ao assumir a câmera, a criança desloca-se do lugar de fotografada para o de autora, exercendo uma produção de registros que desafia a lógica adultocêntrica da documentação. Seu gesto não é neutro: envolve escolhas, intencionalidade e afetos que compõem narrativas próprias das infâncias. Reconhecer a fotografia como autoria infantil amplia o campo de escuta e convida os(as) educadores(as) a revisitar suas práticas a partir das imagens feitas pelas próprias crianças.



Registro fotográfico realizado pela pesquisadora.



Registro fotográfico realizado por uma criança de 3 anos.

O que muda quando passamos a reconhecer as crianças não apenas como retratadas, mas como autoras de narrativas visuais?

4 *A fotografia como narrativa das infâncias*



Registro fotográfico realizado pela pesquisadora.

Desde o seu surgimento, a fotografia acompanha a humanidade como forma de registrar a realidade e de expressar modos de ver o mundo. No contexto da Educação Infantil, ela se torna linguagem capaz de materializar processos de desenvolvimento, dar visibilidade às descobertas das crianças e inspirar reflexões sobre a prática docente.

Ao se ver revelada na fotografia, a criança reconhece a si mesma e aos(às) outros(as) em suas diferenças e singularidades. Esse encontro com a própria imagem desperta encantamento, provoca narrativas e favorece um sentimento de pertencimento à comunidade escolar. Como destacam Dahlberg, Moss e Pence (2019), a documentação pedagógica é também uma prática ética e democrática: ao valorizar as expressões infantis, desloca o olhar adulto e amplia o espaço da escuta.

Para as professoras, as imagens se tornam fonte de inspiração, memória e pesquisa. Permitem planejar, interpretar e ressignificar as práticas cotidianas, reconhecendo que as infâncias se expressam também nos gestos sutis, nas interações espontâneas e nos olhares atentos. Segundo Natalia Francisquetti Silva Vieira (2021), a documentação pedagógica não se limita a registrar, mas implica projetar, viver, refletir e narrar o cotidiano educativo. Ao tornar visíveis as experiências infantis e as intenções docentes, esse processo favorece a escuta, a participação e o diálogo entre todos(as) os(as) envolvidos(as).

É nesse horizonte que surgem as sequências fotográficas apresentadas a seguir. Elas são convites para compreender as infâncias em sua potência, revelando processos, gestos e descobertas. Ao revisitar essas fotografias, educadoras e educadores podem ampliar a escuta, ressignificar o olhar e reconhecer a fotografia como linguagem. Como observa Gobbi (2012), refletir sobre as imagens é reconhecer os elementos culturais, estéticos e ideológicos que permeiam a experiência das crianças, valorizando-as como produtoras de cultura.

Primeiros passos no tanque de areia

Era manhã de sol e, pela primeira vez,
a bebê foi convidada a explorar o tanque de areia.
Com delicadeza, a estagiária deixou escorrer um punhado
sobre seus pés. O contato é novo,
o olhar se mantém curioso e atento.
No início, o olhar era de estranhamento:
o que era aquela textura diferente?
A mão da bebê se aproxima. O toque ainda é tímido,
mas a atenção se concentra no movimento da areia caindo.
Os pés se mexem, os grãos se espalham,
a exploração começa. O estranhamento dá lugar à curiosidade.



Registro fotográfico realizado pela Profª Priscila de O. Leal

A alegria de subir na árvore

A criança olha para a árvore.
O desejo de subir aparece em seu gesto.
A educadora, com olhar sensível, se aproxima e apoia.
No colo da árvore, o menino sorri.
É conquista, é coragem, é alegria partilhada.
O abraço da educadora confirma: estamos juntos nesse desafio.
A fotografia guarda a cumplicidade do momento.



Registro fotográfico realizado pela Profª Aline R. P. Reina

O parque é um ambiente muito apreciado pelos bebês e crianças pequenas. Os brinquedos disponíveis no local convidam à investigação e às descobertas das diversas possibilidades do seu corpo. Em uma manhã de outono, Lucas estava determinado a escalar o "grande brinquedo". Com seus olhos curiosos, segurou firme na estrutura, buscando a melhor forma de chegar ao topo verde. Confiante em si mesmo, ele tentava incansavelmente, escorregava, descia e subia novamente. Cada passo era uma conquista. Escalou até chegar ao topo do brinquedo, lá de cima, espiava os(as) amigos(as) brincarem no parquinho um verdadeiro aventureiro. Ao final da brincadeira, Lucas desce com orgulho. Na creche, os pequenos olhos descobrem o mundo, e cada conquista é celebrada com a alegria de uma infância viva! E Vida que pulsa!





Registro fotográfico realizado pela Profª Priscila de O. Leal

Este catálogo também busca inspirar a realização de formações nas instituições de Educação Infantil, convidando educadores(as) a integrarem a fotografia como recurso em suas práticas cotidianas. As propostas apresentadas nasceram da própria pesquisa, especialmente dos encontros colaborativos com professoras de creche, organizados por meio de círculos epistemológicos. Esse formato possibilitou um espaço de diálogo, em que pesquisadora e docentes compartilharam saberes, experiências e inquietações, construindo coletivamente critérios, reflexões e sentidos para o uso da fotografia.

Assim, o que se apresenta a seguir não é uma receita, mas um guia prático flexível, que pode ser recriado e adaptado a diferentes contextos e realidades educativas, mantendo como essência o exercício de aprender a olhar e escutar as infâncias por meio das imagens.



Registro fotográfico realizado pela Profª Aline R. P. Reina

Guia prático

Aprender a olhar é também aprender a escutar o que as imagens nos dizem.

1) Mapear concepções

- Inicie com uma roda de conversa: O que é fotografia?
  Para que usamos a fotografia na creche?
- Use o QR Code para acessar o livro **A fotografia como imagem, a imagem como fotografia** de Ana Taís M. P. Barros (2019) que amplia o olhar e ajuda a refletir sobre diferentes possibilidades de fotografar.

2) Refletir a partir de textos

- Traga leituras inspiradoras como: **Por uma alfabetização da "câmera interna"** de André Carrieri (2018); **A fotografia como registro pedagógico na educação infantil** de Marcela Chanan (2021) e **Imagens que visibilizam as infâncias: A linguagem fotográfica na educação infantil** de Genecilda dos Santos e Gilvana Menslin Oliveira da Maia (2020) para provocar diálogo.
- Utilize o QR Code para ter acesso rápido aos textos.

3) Criar critérios coletivos

- Construa junto com o grupo um roteiro de observação: o que registrar, como registrar, por que registrar.
- Utilize o QR Code para ter acesso ao roteiro construído com as pesquisadoras.

4) Analisar em grupo

- Apresente registros fotográficos das professoras e promova leitura coletiva. Uma mesma fotografia pode revelar múltiplos sentidos.

5) Narrar com imagens

- Organize sequências fotográficas que contém histórias, destacando processos de desenvolvimento, não apenas resultados.

6) Socializar e refletir

- Finalize com um momento de partilha, valorizando mudanças no olhar e reconhecendo os desafios do percurso.

Para saber mais:

Textos sobre sobre os círculos epistemológicos: **Paulo Freire no âmbito da pesquisa: os círculos dialógicos investigativo-formativos como possibilidade de reinvenção dos círculos de cultura e auto(trans) formação permanente com professores** de Joze Medianeira dos Santos de Andrade Toniolo (2017) e **Círculo Epistemológico, Círculo de cultura como metodologia de pesquisa** de José Eustáquio Romão, Ivone Evangelista Cabral, Eduardo Vítor de Miranda Carrão e Edgar Pereira Coelho (1998).

Versão completa da pesquisa:

6 Convite a Novos Olhares

Encerramos este catálogo com um convite:
que cada educador(a) permita-se olhar outra vez,
com calma, com presença, com encantamento.

Que a fotografia siga abrindo frestas para observarmos o que, na rotina
do dia a dia, se esconde: o gesto que anuncia
uma descoberta, o olhar que revela uma pergunta,
a mão que explora o mundo pela primeira vez.
Cada imagem aqui reunida é também um lembrete
de que a infância pulsa em detalhes, em narrativas,
em instantes que merecem ser escutados.

Que este catálogo inspire novas práticas, outras
experimentações, outros modos de registrar e
narrar o cotidiano da creche.
Que provoque a ousadia de tentar,
de experimentar ângulos, de buscar a luz,
de escutar com a câmera,
de compartilhar com o coletivo.

Que educadores e educadoras sintam-se convidados(as)
a fotografar com intenção, a documentar
com sensibilidade, a olhar com generosidade.

E que essas imagens circulem: em murais,
em reuniões pedagógicas, em rodas com famílias, em pequenas ou
grandes exposições, porque as infâncias merecem serem vistas,
celebradas e reconhecidas em sua potência.

Que este catálogo não seja ponto final, mas ponto de partida para no-
vas narrativas, novos diálogos e novos olhares sobre as crianças,
sobre as práticas e sobre nós mesmos(as) enquanto educadores(as).

Que possamos seguir, juntos(as), construindo caminhos.







Registro fotográfico realizado pela Profª Lucimara Ragazzo

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Taís Martins Portanova (Org.). **A fotografia como imagem, a imagem como fotografia**. Porto Alegre: Imaginalis, 2019. Disponível em www.ufrgs.br/imaginalis/editora/fotografia. Acesso em 16 jul. 2024.

CARRIERI, André. **Por uma alfabetização da "câmera interna"**. 2018. Disponível em: https://blog.institutosingularidades.edu.br/por-uma-alfabetizacao-da-camera-interna/ Acesso em: 05 mai. 2024.

CHANAN, Marcela**. A fotografia como registro pedagógico na educação infantil**. Blog Cultura Infantil, [S. l.], 27 out. 2020. Disponível em: https://www.blogculturainfantil.com.br/post/a-fotografia-como-registro-pedag%C3%B3gico-na-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil. Acesso em: 04 nov. 2024.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas. 2. ed. Tradução de Débora S. C. V. de Sá. São Paulo: Penso, 2019.

GOBBI, Marcia Aparecida. Usos sociais das fotografias em espaços escolares destinados à primeira infância**. Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1213-1232, 2011. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87321425017 . Acesso em: 27 mai. 2024.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. Edição revista.

LEITE, César Donizetti Pereira; CHISTÉ, Bianca. **Imagens de crianças:** travessias do universo. Educação, v. 36, n. 3, p. 476–485, set./dez. 2013. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/17764/13665. Acesso em: 4 mai. 2025.

MAIA, Gilvana Menslin Oliveira da; SANTOS, Genecilda dos. Imagens que visibilizam as infâncias: a linguagem fotográfica na educação infantil. Ponto-e-Vírgula, São Paulo, n. 28, p. 42–57, jul./dez. 2020. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/51552. Acesso em: Acesso em: 04 nov. 2024.

NUNES, Maria Fernanda Rezende; CORSINO, Patrícia; DIDONET, Vital. **Educação Infantil no Brasil**: Primeira Etapa da Educação Básica. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011.

PROENÇA, Maria Alice. **O registro e a documentação pedagógica:** entre o real e o ideal...o possível! São Paulo: Panda Educação, 2022.

VIEIRA, Natália Francisquetti Silva. **A avaliação documentada e participativa na creche no contexto de pandemia**: narrativas da trajetória de aprendizagem. 2021. Trabalho Final de Curso (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2021.



Patrícia Stecca Reis de Andrade

Mestre em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Graduada em Pedagogia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na Rede Municipal de Educação de Santo André (SP). Atualmente gestora de creche. Membra do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação - GEPIDE - do Programa de Pós-Graduação em Educação da USCS (PPGE-USCS)



Marta Regina Paulo da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Pedagogia e Psicologia. Docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGE-USCS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação (GEPIDE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire. Autora de livros e artigos científicos em educação.


PARE
PARE